

A SECÇÃO MASCULINA DA CLÍNICA OFTALMOLÓGICA
DA SANTA CASA DE SÃO PAULO SOB A DIREÇÃO DO
DR. PEREIRA GOMES

Dr. DANTON MALTA

A secção masculina da clínica oftalmológica da Santa Casa teve quatro chefes: Dr. Adolfo Gad, que foi o criador da clínica, de 1885 a 1892; Dr. Ataliba Florence, de 1893 a 1899; dr. Euzebio de Queiroz Mattoso, de 1899 a 1923, como quer Dr. Pereira Gomes atual chefe do serviço.

É nossa intenção relatar, embora sucintamente, a atuação do Dr. Pereira Gomes como chefe da secção masculina da clínica oftalmológica da Santa Casa desde 1916, quando começamos a frequentá-la.

Dr. Pereira Gomes começou a trabalhar na clínica oftalmológica da Santa Casa em dezembro de 1912, quando era chefe do serviço dr. Euzebio de Queiroz Mattoso. A 12 de setembro de 1920, em substituição ao dr. Euzebio de Queiroz Mattoso, dr. Pereira Gomes foi nomeado chefe da clínica, porém, praticamente já o era desde 1914, pois dr. Euzebio achava-se, desde essa data, afastado do serviço por motivo de moléstia grave.

Em 1927, dr. Pereira Gomes promoveu a colocação de uma placa de bronze, comemorativa à chefia da clínica pelo dr. Euzebio de Queiroz Mattoso, na qual figuram as datas de 1899, inicio de sua atuação e 1923 do seu afastamento por falecimento.

Em 1916, quando começamos a frequentar a secção masculina da clínica oftalmológica da Santa Casa, funcionava já essa clínica sob a direção do Dr. Pereira Gomes, em uma velha enfermaria do rez do chão, sempre superlotada, pois sua capacidade era de 36 leitos e havia constantemente em tratamento mais do dobro de doentes.

Encontramos Dr. Pereira Gomes sobrecarregado com o serviço da clínica porquanto não tinha assistente e apenas um enfermeiro o auxiliava.

Durante algum tempo fomos o único assistente, vieram depois Souza Martins, Paulo Aguiar, Carlos São Thiago, Carvalho Pinto, Benedicto Paula Santos, Gilberto Junqueira e Durval Prado.

A clínica dispunha apenas de uma enfermaria, pequena sala de operações e outra que servia para curativos e exames tendo ao lado exigua câmara escura.

O material, quer cirúrgico, quer para exames, era o mais modesto.

Com o falecimento do dr. Jambeiro Costa, que foi chefe da Clínica de Olhos de Crianças, resolveu a diretoria da Santa Casa extinguir essa clínica, reunindo-a a de adultos, passando esta a funcionar na antiga enfermaria de crianças.

Embora essa enfermaria apresentasse os mesmos defeitos da antiga, localizada também no rez do chão, mal insolada e de aeração insuficiente, o serviço lucrou com melhor sala de operações e de exames e câmara escura mais ampla.

Consegui Dr. Pereira Gomes melhorar também o material cirúrgico e aparelhos para exames, dotando o serviço com moderno oftalmometro, lâmpada de fenda e oftalmoscópio elétrico.

Dr. Pereira Gomes, de carater austero, ornado de brilhante inteligencia e possuidor de sólida cultura geral e médica, impoz-se logo como destacado oftalmologista.

Imprimiu singular direção à clínica, atraindo para ela não só grande número de doentes, que a mantinham sempre cheia, como também médicos que desejavam especializar-se.

Dotado de grande habilidade cirúrgica, Dr. Pereira Gomes dominou desde logo as dificuldades da delicada cirurgia ocular. Preocupado constantemente com o progresso da técnica da extração da catarata, apressava-se em adotar os melhoramentos que julgava úteis.

Praticou, à princípio, a extração capsular combinada com iridectomia e ponte conjuntival.

A extração intra-capsular, ideal da cirurgia da catarata, praticou-a primeiramente, com a pinça de Kalt, aparelho de Barraquer, ventosa de Arruga e, ultimamente, optou pela pinça dêste.

Para melhor êxito nas operações intrabulbares (principalmente da catarata), associou à primitiva anestesia superficial pela cocaina a injeção retrobulbar de novocaina, o bloqueio do facial e a fixação do músculo reto superior.

Das operações hipotensôras, Dr. Pereira Gomes tem maior predileção pela de Lagrange, porém, ultimamente tem praticado também a ciclodialise de Heine.

Da moderna técnica do tratamento do descolamento da retina, praticou a electro-cauterisação perfurante de Gonin, passando para a diatermocoagulação.

Mesmo em suas modestas instalações, a clínica oftalmológica prestou relevantes serviços aos doentes pobres, não só da Capital como do interior e também re outros estados, atingindo logo uma média de quinhentas operações por ano.

Proporcionando tratamento médico e cirúrgico aos inúmeros doentes que a procuravam, a clínica oftalmológica foi auxiliar eficientíssima dos poderes públicos no combate ao tracoma.

Dr. Pereira Gomes, seguindo as ideas americanas, foi o primeiro entre nós em relacionar as lesões oculares com os focos de infecção dentária. Propugnou, por isso, junto a administração da Santa Casa pela criação de um serviço dentário, o que só ultimamente tornou-se uma realidade.

Em falta dêsse serviço, apelamos para um dentista amigo, Augusto Ferreira, que periódicamente comparecia à clínica e praticava a avulsão dos focos mais evidentes.

É interessante destacar os benefícios que êsses cuidados produziram, em serviço frequentado por doentes pobres, em geral desleixados, com as condições dos seus dentes, na profilaxia da supuração post-operatória da catarata, de conseqüências desastrosas.

Não passou despercebida à administração da Santa Casa e principalmente do digno diretor clínico, Dr. Synesio Rangel Pestana, preocupado em dar aos hospitais sob sua esclarecida direção feição moderna, a eficiência da clínica oftalmológica, apesar de suas singelas instalações, sob a chefia do Pereira Gomes.

A Santa Casa vive da generosidade da sociedade de São Paulo. E a 5 de dezembro de 1937, em virtude de donativo dos filhos de um ilustre paulista, Sr. Theotônio Rodrigues de Lara Campos, pôde a secção masculina da clínica oftalmológica ser instalada em magnífico pavilhão de três andares, construído sob a orientação do Dr. Pereira Gomes, com todas as exigências da moderna técnica hospitalar.

Dispondo o novo pavilhão de ótimas salas de operações, de curativos, de exames, arejadas enfermarias, salas de refeições e higiênicas instalações sanitárias, proporciona conforto aos médicos que aí trabalham e principalmente aos doentes que nele se internam.

Com donativos obtidos de alguns clientes e amigos, pôde Dr. Pereira Gomes também renovar, melhorar e corrigir algumas falhas do material cirúrgico e aparelhos para exames. Assim, hoje, a secção masculina da clínica oftalmológica da Santa Casa, que Dr. Pereira Gomes recebeu para dirigir instalada numa das mais modestas enfermarias do hospital, funciona, graças aos seus esforços e operosa dedicação com os requisitos da técnica moderna e elevado critério científico.

Aos antigos assistentes, vieram se juntar João Carneiro — Olavo Amarante — Julio Pereira Gomes — Francisco de Almeida Rosa e Francisco Ayres.

Dois dos assistentes, Benedicto de Paula Santos Filho e Durval Prado, em brilhantes concursos, conquistaram o honroso título de

livre docente da clínica oftalmológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Esses distintos colegas, colaborando na obra de Dr. Pereira Gomes, vêm ministrando cursos de aperfeiçoamento da especialidade, muito frequentados por oculistas de São Paulo e de outros estados.

A clínica oftalmológica, pela magistral orientação que o Dr. Pereira Gomes vem proporcionando, transformou-se em destacada escola da especialidade, concorrendo para o aprimoramento dos conhecimentos dos que a ela se dedicam.

Em virtude dos progressos da terapêutica e de tratamento intensivo, a sífilis, que anos atrás fornecia grande contingente de doentes, vem desaparecendo do registro da clínica.

Os doentes de tracoma, nas várias fases e complicações da moléstia e que lotavam quase que permanentemente as enfermarias de um dos andares do pavilhão, tornam-se cada vez mais raros.

Atualmente, a maioria dos doentes que procuram a clínica o fazem por necessitarem tratamento cirúrgico e a media de operações, nos últimos tempos, subiu para setecentos por ano.

Pelo prestígio que desfruta na classe médica de São Paulo, Dr. Pereira Gomes foi escolhido por seus colegas para, por duas vezes, presidir a Academia de Medicina de São Paulo e a Sociedade de Oftalmologia de São Paulo. Exerceu a vice-presidência da Sociedade Pan-Americana de oftalmologia, tendo comparecido ao 1.º Congresso desta Sociedade — Cleveland, U.S.A. 1940 — com um trabalho sobre tumores do nervo óptico.

Por ocasião de sua primeira presidência, a Academia de Medicina de São Paulo realizou, de 3 a 10 de setembro de 1927, a Semana Oftalmo-Neurológica, à qual compareceu grande número de médicos do país e do estrangeiro, que apresentaram e discutiram inúmeros e importantes trabalhos.

Foi nessa oportunidade que o Dr. Pereira Gomes, impressionado com a falta de assistência aos cegos em São Paulo, fez veemente apelo à população, aos poderes governamentais e muito especialmente ao saudoso D. Duarte, chefe do mundo religioso católico em nosso Estado, para a solução de tão imperioso problema.

Graças a liberalidade dos paulistas, o apelo do Dr. Pereira Gomes tornou-se logo uma esplêndida realidade e aí está o Instituto «Padre Chico», com sua maravilhosa e grandiosa organização, habilitando os cegos numa profissão e propiciando-lhes vida mais suave e meios para a própria subsistência.

Dr. Pereira Gomes publicou e apresentou aos congressos e sociedades científicas inúmeros e valiosos trabalhos e pela raridade da ocorrência, destacamos o minucioso estudo sôbre tumores do nervo óptico e da cisticercose ocular.

Foi na clínica oftalmológica da Santa Casa, sob a orientação amiga e proficiente de Dr. Pereira Gomes que iniciamos o aprendizado da especialidade. Valemo-nos, com cordial satisfação desta oportunidade para externarmos ao prezado mestre toda nossa gratidão pelas sábias lições e bondosos conselhos que dele recebemos neste agradável convívio de trinta e oito anos.

DR. PEREIRA GOMES

Discurso do Prof. MOACYR ALVARO

Cabe-nos neste momento o agradável dever de dizer aos que nos ouvem alguma cousa a respeito de mais uma das muitas admiráveis facetas do character do Dr. Pereira Gomes. Queremos referir-nos às suas preocupações com a oftalmologia social e o que pode êle realizar nesse terreno.

Devemos desde logo acentuar que o Dr. Pereira Gomes em toda sua vida profissional cuidou dos problemas que são comuns à sua atividade de oftalmologista e a outros setores de atividade humana. Assim são conhecidos os seus esforços no sentido de tornar compulsório o exame da visão para condutores de veículos, tendo sido o pioneiro em nosso meio da implementação dessa idéa.

Trabalhou sempre sem desfalecimentos para que fossem iniciadas muitas atividades organizadas para a prevenção da cegueira em nossa terra.

Mas si quizermos escolher uma de suas atividades dessa ordem que melhor tipifique a preocupação de Pereira Gomes pelos problemas da oftalmologia social cremos que não nos enganamos tomando para exemplo o seu constante labor para a criação em nosso meio de um instituto que cuidasse da educação dos cegos.

Nada melhor do que o relato puro e simples do que fez Pereira Gomes, permitirá aos nossos ouvintes aquilatar o esforço gigantesco que foi necessário para levar a bom termo o seu desideratum.

Foi isso lá nos meados da terceira década dêste século. São Paulo era ainda uma cidade provinciana de menos de um milhão de almas, governada por uma oligarquia séria e respeitável constituída por «gente conhecida» e considerada. Os bondes percorriam ainda as ruas do triangulo e não andavam superlotados. Nos cinemas havia

frizas e camarotes onde ficava a «gente bem». Os preços altos do café pareciam dar estabilidade a uma sociedade tradicional cujas bases econômicas estavam na exploração agrícola constituindo o «clan» fazendeiro.

As idéas de assistência social não haviam permeado naquele tempo, a maioria dos cérebros pensantes de nossa terra. Todavia poucos eram os que sentiam que a sociedade lhes devia alguma coisa pelo simples fato de existirem e, do mesmo modo, os responsáveis pela organização social em nosso meio dedicavam pouco de sua atenção para problemas dessa natureza que consideravam demasiado avançados...

O estado pouco mais fazia do que garantir a ordem, cuidando como podia da educação e da saúde publicas.

Nesse meio, com êsse modo de pensar generalizado Pereira Gomes foi um pioneiro de idéas avançadas quando começou a pregar a necessidade de ser criado entre nós um instituto que cuidasse da educação dos cegos.

Comunicava sua idéia aos seu muitos amigos. Referia em conversa com seus discípulos, colegas e amigos o que havia no mundo mais evoluído, e mesmo o que se havia realizado em nosso país para dar assistência aos cegos.

Organiza Pereira Gomes em 1927 a semana oftalmo-neurológica na Sociedade de Medicina e Cirurgia, a atual Academia de Medicina e Cirurgia de São Paulo, da qual era então presidente. E aproveitando-se daquela tribuna cujo prestígio êle mesmo criara, apresenta a 9 de setembro de 1927 um trabalho intitulado «A Assistência dos Cegos de São Paulo».

Lembramo-nos muito bem de sua alocação que corajosamente principiava assim: «Mal escolhido, por certo, foi o título dado a êste trabalho: São Paulo não quiz até hoje prestar atenção ao problema de assistência aos cegos, especialmente no que se refere aos cegos validos, que anseiam aprender, educar-se, trabalhar e conseguir habilitar-se suficientemente numa profissão, com a qual possam manter-se.

Os apelos que de longe em longe a imprensa moderna registra, morrem sem eco, encolhendo-se ou esquecendo-se a munificência de vir em auxílio destes infelizes, que apesar disso perseveram inflexivelmente no seu desideratum.

São Paulo em matéria de assistência social aos cegos permanece em pleno período medieval, considerando-os ainda quasi mendigos como os simbolizam a arte e a literatura de quasi todos os tempos. E esta matéria velha e revelha no estrangeiro não tem despertado entre nós, não digo um ato de piedade, mas um movimento sério de filantropia, um gesto largo de desprendimento ou de humanidade».

Prosseguindo, diz Pereira Gomes que não iria pedir a adoção em São Paulo do que já se fazia então nos Estados Unidos, como seja a educação completa em todos os graus do ensino, desde a escola maternal até as escolas profissionais, mas sim cousa semelhante ao que já se havia realizado em Minas Gerais, com a criação do Instituto São Rafael. «A instrução primária, a secundária e artística e profissional, e a educação moral e cívica dos cegos»

Apela por fim para as autoridades municipais e estaduais e ainda para o arcebispo D. Duarte afim de que em São Paulo desde logo se desse assistência aos cegos com a criação de um instituto digno dos foros de civilização da cidade de Anchieta.

Mas não parou aí a atividade de Pereira Gomes: procura pessoalmente D. Duarte Leopoldo que, felizmente para a causa da assistência ds cegos, não fez ouvidos moucos e com seu indiscutível prestígio de chefe da Igreja em São Paulo muito concorreu para que as bolsas particulares afrouxassem seus cordões e dessem cada uma alguma cousa para a concretização do ideal comum.

Pereira Gomes procura as autoridades municipais e estaduais. Dirige-se a particulares, junto aos quais grande era o seu prestígio do oculista de maior fama em São Paulo.

No meio de então ainda tímido em sua realização das responsabilidades da sociedade, deveu Pereira Gomes fazer verdadeiro trabalho de catequese. Apontava o lado sentimental mas precisava também esclarecer o aspécto econômico da assistência aos cegos, provando por a mais b que a sociedade ao final lucrava com a assistên-

cia e educação dos cegos que não deviam ser assim relegados a um «Asilo» como era muito do vizo de nossa gente naquelas priscas eras.

Aduzia argumentos de toda a sorte. Mostrava o que haviam feito os alemães e franceses com os seus cegos de guerra e os resultados magníficos obtidos. Chamava a atenção para o procedimento de Ford que em suas fábricas nos Estados Unidos punha de lado para serem ocupados exclusivamente por cegos atividades que podiam ser exercidas por pessoas não videntes.

Com ânimo inabalavel e pertinaz paciência conseguiu Pereira Gomes a pouco e pouco convencer um bom número de pessoas que por sua vez faziam proselitismo.

Começaram a ser recebidas contribuições em dinheiro, muitas solicitadas diretamente, outras expontâneas. Ê doado o terreno. Controla-se o edificio. Procura-se um nome que evoque entre paulistas a idéia de fazer bem desinteressadamente. Ê lembrado e logo accito o do Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, o inegalavel Padre Chico de saudosa memória na paulicéia dos princípios do século XX.

E assim é criado o Instituto Padre Chico, que faz honra a nossa terra e onde muitos de nossos cegos aprenderam a trabalhar e assim puderam ver-se reintegrados na sociedade.

Não há dúvida que muito merecem todos aqueles que contribuíram desta ou daquela forma para que o Instituto de Assistência aos Cegos tornasse uma realidade e pudesse trabalhar para a comunidade por mais de sete lustros. Muito merecem as senhoras paulistas, que, como muito bem diz Pereira Gomes, são verdadeiras «Madres» do Instituto Padre Chico tal o seu desvelo para com os internados. Mas o homem idéia, sem o que essa grande obra teria deixado de existir na época em que foi criada, o fato primordial nessa criação de enorme alcance social, a centelha que permitiu o «fiat» foi o nosso querido mestre o professor Pereira Gomes, que assim deixou aos seus amigos e admiradores mais êste exemplo de bondade e de consciência social.

DISCURSO DO PROF. PAULA SANTOS

Pediram-me, Sr. Dr. Pereira Gomes, fosse eu o interprete dos ufanos sentimentos de alegria, dos vossos companheiros e dos vossos discípulos da Ótica Homens, da Misericórdia de São Paulo, à justiça da magnífica homenagem que óra se vos presta.

Três meses há, da solicitação e até há pouco vacilava na escolha do tema para esta modesta saudação.

E vacilava ante a excelsa personalidade de Pereira Gomes, plena de virtudes e exuberante capacidade, porque, se o homem é um modelo, o médico é um exemplo.

No cidadão, com efeito, a integridade em sentido absoluto e a austeridade sem aspereza, casando-se harmonicamente, conferem-lhe, para logo, o prestígio de uma autoridade incontestavel entre amigos e discípulos.

Que felicidade para nós, e particularmente para mim, termos iniciado nossa vida profissional, sob a sua influência benfazeja.

Que felicidade para nós, e particularmente para mim, a tranquillidade de consciência, o socêgo de espírito e o repouso da alma, banhados todos na pureza das suas virtudes e na virtude das suas ações.

Que felicidade para nós, e particularmente para mim, seguirmos a rota inflexivel dos seus exemplos, que é uma linha inquebrantável entre a honra e o dever.

Que felicidade para nós, e particularmente para mim, bebermos, nas lições de sua ética, as primicias de consolação e de amor, que emolduram a longa vida do médico.

Que felicidade para nós, e particularmente para mim, vivermos a vida interior, de plácida contemplação das facetas rebrilhantes da riquíssima gêma do seu caráter.

Sei que lhe firo a modestia, no calor desta exaltação, mas a fôrça da amizade impões que se proclame como «a alma pura em que o céu encerrou infinita parte das suas riquezas», porque vós, Sr. Dr. Pereira Gomes, sois como o Crisostomo da fama, «único em cortezias, extremo em gentilezas, fenix na amizade, magnífico em senão, e finalmente primeiro em tudo o que é ser bom...»

Ainda há pouco, Senhores, reuniu-se em Volta Redonda, o Congresso de Rearramento Moral, empolgante certamen que congregou as puras expressões de todas as gentes, homens e mulheres, ricos e pobres, pretos e brancos, adultos e crianças, todos enfim de boa vontade, sob o signo da honestidade, da pureza, do altruismo e do amor, princípios basilares da nova campanha.

E vi, Senhores, «claramente visto», que aqui agora, se se quizesse eleger um cavaleiro andante da Nova Cruzada, dariamos a Pereira Gomes, a primasia de outra consagração, tão forte a cou-raça, de honestidade, de pureza, de altruismo e de amor, de que se armou a sua já longa e preciosa existência.

Se destaco, por primeiro, os atributos morais do nosso homenageado, não esqueço nem lhe diminuo os do espírito, que longe de somenos, àqueles se equiparam.

Perlustre-se a sua vida, e aqui e acolá, a todo instante, encontram-se os fulgores de uma inteligência privilegiada.

Do modesto professor primário ao mestre consagrado da oftalmologia, promanam sempre as aulas e conferências que enriquecem os anais das nossas sociedades médicas.

As suas publicações científicas, que se contam por tantas dezenas, são lições magníficas do mais apurado senso clínico.

E foi bem por isso que os seus colegas sempre e distinguiram com as honras de primeiro, entre os melhores.

Diretor clínico da nossa tradicional e querida Santa Casa, duas vezes presidente da Academia de Medicina de São Paulo, três vezes presidente da Sociedade de Oftalmologia e primeiro presidente da Secção de Oftalmologia da Associação Paulista de Medicina, presidente do Primeiro Congresso Brasileiro de Oftalmologia, são alguns dos muitos títulos que honram o seu extenso curriculum.

Mas não é só. Conheça-se Pereira Gomes, e descobrir-se-á, através do manto, felizmente diáfano, da sua modestia, o artista também.

Lá está, numa das salas da sua querida enfermagem, a esplêndida galeria de retratos, a «crayon» ou a bico de pena, dos nomes tutelares da oftalmologia, feitos por Pereira Gomes, nas horas de lazer. Aliás, retratos e caricaturas, êle as fazia quando acadêmico, dos renomados professores de então, e dedicava-lhes quadrinhas que fizeram época, pelo notável senso humorístico.

Eis aí, Senhores, ainda que em largos traços, o perfil do nosso homenageado.

Pediram-me que o saudasse e não sei se o fiz nos termos desejados.

Mas, perdoai-me; perdoai-me sobretudo vós, Sr. Dr. Pereira Gomes, inclito cidadão e eminente médico, meu mestre e meu amigo, perdoai-me se não vos dei os louvores merecidos.

Mas, já disse o poeta verdadeiro —

«Mas eu que falo, humilde, baixo e rude,»

«De vós não conhecido, nem sonhado?»

«Da boca dos pequenos sei contudo»

«Que o louvor sae às vezes acabado.»

DISCURSO DO DR. JOÃO PENIDO BURNIER

Exmas. Senhoras e meus Senhores

Possuimos credenciais para ajuizar dos méritos de Pereira Gomes. Lutamos igualmente para tomar pé na prática da especialidade. Internos, em épocas diversas da Clínica Oftalmológica na Faculdade do Rio de Janeiro, com sacrifício nos aperfeiçoamos tecnicamente em Paris, antes de nos estabelecer condignamente como oculistas, por volta de 1914, em S. Paulo e Campinas respectivamente. Do primeiro aperto de mão no Congresso Médico Paulista de 1916, nasceu a simpatia, que se transformou em sincera e sólida amizade de quase 40 anos. Côncio do seu valor, mas, acastelado em ncantadora modéstia, preferiu, como didata inato, preparar professores, em vez de pleitear cátedras, ocupadas por dignos discípulos, que hoje aclamam Mestre dos mestres da oftalmologia paulista.

Nós, do Instituto Oftálmico de Campinas, muito lhe devemos de lições e estímulos de ordem científica e moral.

Forneceu-nos colaboradores, educados na sua Escola, da envergadura de Belfort Mattos e Rolemberg. Aproximou-nos do inolvidável Enjolras Vampré, que nos despertou o interêsse pla neuro-oftalmologia. Tem-nos dado ininterruptas provas de amizade e confiança, e a sua honrosa presença nas comemorações do nosso Jubileu profissional muito nos desvaneceu.

Em nome do nosso Instituto de Campinas e da sua Associação Médica, de que é membro honorário n.º 1, nos solidarizamos com as justas homenagens ao vulto mais representativo da oftalmologia paulista pelo saber e alto valor moral.

Fazemos votos para o prlongamento de tão útil existência para o bem da oftalmologia e da humanidade, alegria de sua Exma. Família e de seus colgas, amigos e admiradores.

DISCURSO DO PROF. CARLOS GAMA

Exmo. Snr. Dr. J. Pereira Gomes

Exmo. Snr. Presidente e digníssimas autoridades

Exmos. Senhores e Senhoras.

Encarregou-me a propecta Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo de saudar seu preclaro ex-presidente por 2 vezes, Dr. J. Pereira Gomes, incumbência ao mesmo tempo honrosa e grata.

Participando como homenageado desta noite do grupo dos conservadores, que estimam e preservam as tradições desta casa de saber e fraternidade, a êle me encontro atraído desde os tempos escolares.

Realizei sob sua inspiração e orientação a tese de doutoramento sôbre “Cirurgia das vias Lacrimais” apresentada à Faculdade de Medicina de São Paulo há 30 anos, e laureada pela Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 1926, com o prêmio Carlos Botelho.

Para o nosso grêmio, Pereira Gomes é um dos seus mais ilustres e operosos membros, razão pela qual lhe são agora prestados de público as justas homenagens esta noite aqui realizadas e sempre aquem de suas qualidades de médico, de cidadão e de amigo.

Sua longa permanência em nossa grei é uma contínua série de serviços prestados à medicina e ao povo, mas devo ressaltar algumas de suas decisivas atuações na presidência desta Sociedade em 1927 e em 1950.

Formado em 1909 na Faculdade de Medicina do Rio, já em 1912 nomeado adjunto da Santa Casa de São Paulo, 1.ª clínica Olhos, Dr. Euzébio de Queirós Matoso. De 1916 até 1936 foi 1.º assistente da Clínica Oftalmológica Fac. Med. Cir. S. Paulo — Docente Livre da mesma.

Em 1918 titular da Soc. Med. Cir. São Paulo.

Em 1920 chefe da Clínica Oftalmológica de São Paulo.

Em 1922 — 1.º secretário S. M. C. S. P.

Em 1926 — Vice-Presidente S. M. C. S. P.

Em 1927 — Presidente propugnador da fundação do Inst. Profissional de Cegos Padre Chico.

Sócio fundador da Soc. Of. S. Paulo, da qual foi presidente em 1931 e 1935.

Realizador da 1.ª semana Oftalmo-neurológica de São Paulo.

Em 1935 Presidente do 1.º Congresso Brasileiro de Oftalmologia em São Paulo.

Vice-presidente da seção de oftalmologia Congresso Médico Pan-Americano.

Em 1945 — Sócio benemérito da S. M. C. S. P. — 15-II-45.

Em 1949 — Vice-presidente S. M. C. S. P.

Em 1950 — Presidente.

Diretor Clínico dos Hospitais — S. Casa, 1946 — 1947

Vice-Diretor clínico 1948.

1954 — Pela 3.ª vez presidente da Soc. de Oftalmologia S. Paulo.

1954 — Presidente 8.º Congresso Brasileiro Oftalmologia.

1954 — Membro Benemérito da Academia de Medicina.

Trabalhos (Total 53)

1925. Visão dos condutores de automovel.— Desta campanha resultou a inspecção official médico-oftalmológico dos condutores de veículos.

1927. Da necessidade de lei federal regulamentando o serviço médico dos empregados das estradas de ferro.

1927. A assistência aos cegos em São Paulo e o Instituto Padre Chico.

1928. Alcoolismo em oftalmologia.

1941. Bom humor e saude.

1943. A aptidão física dos aviadores.

1944. O efeito das emoções sôbre a saude.

1948. Considerações sôbre intoxicações alimentares.

1951. O centenário de Ernest Fuchs.

A irriquietude intelectual de Pereira Gomes contrasta com sua calma e serenidade de atitudes que caracterizam o perfeito cavalheiro que sempre é.

Além de uma produção científica grande, revela-se a sofreguidão de nosso homenageado, na ciência, pelo frequente transmitir de conhecimentos aos assistentes, alunos e todos que dele se acercam.

Com uma “verve” adoravel castigando com fino sarcasmo os grandes erros, mas corrigindo e ensinando sempre, Dr. Pereira Gomes foi fazendo amigos por toda parte, de tal sorte, que uma homenagem a S. Excia., ecôa logo favoravelmente.

Ao envez de dar à esta saudação o character protocolar, prefiro esta forma amistosa, mais sincera, mais significativa ds sentimentos verdadeiros de nossos confrades, e certamente mais do agrado do homenageado.

Queira pois caro companheiro Pereira Gomes receber o abraço fraternal de seus amigos e admiradores.

O ROTARIANO PEREIRA GOMES

Discurso do Dr. SYNESIO M. OLIVEIRA

“Trazemos todos, ao nascer, impressas no patrimônio genético, as linhas mestras que, cedo ou tarde, nortearão os nossos destinos. As vicissitudes temporais influem, naturalmente, no êxito que possamos ter na vida, sobretudo na medida em que condicionem a adaptação do indivíduo às suas naturais tendências. Mas os impulsos vocacionais, os pendores inatos, já lá estão latentes, desde os primórdios da afirmação da personalidade.”

Êstes conceitos ocorreram à mente do Prof. A. de Almeida Prado, ao “focalizar a máscula figura de Jairo Ramos” e a mim me acudiu lembrá-los, quando se procede a desusado movimento no sentido de configurar a imagem do Homem, que, de professor primário, se tornou grande médico, figura exponencial de sua classe.

Deliberaram os oculistas de S. Paulo prestar a Pereira Gomes uma homenagem de sentido grandioso e significado profundo, em reconhecimento à sua ingênita vocação de servir, à cultura, à probidade e à dedicação incomuns com que tem sabido exercer a sua atividade profissional.

Buscarão uns assinalar seus traços psicológicos dominantes, enquanto outros apresentarão, em sua honra, contribuição científica, que nos irá enriquecer o patrimônio cultural comum.

Cabe-me, — e que de satisfação vai nisso! — trazer, em nome dos médicos rotarianos, o tributo de admiração dos companheiros.

Sob o imperativo ou determinação de seus “pendores inatos”, tem Pereira Gomes conduzido as suas atividades, norteadas por um alto sentido de bondade, de espírito de bem servir e da mais pura ética, buscando sempre alcançar um objetivo mais elevado do que a simples remuneração. Por isso foi chamado a integrar a falange rotariana, ingressando no Rotary Club de S. Paulo, em agosto de 1931, com a classificação de “Medicina-oftalmologia”. Já em 1932 começou a exercer funções proeminentes no clube, como membro da Comissão de Programa, cargo que exerceu até 1934, quando foi eleito 1.º Vice-Presidente do Conselho Diretor. De 1935 a 1942 prestou serviços como Presidente da Comissão de Assistência Social (1934/35), como Membro das Sub-Comissões de Educação Rotária (1935/36) e de Programas (1936/37) e ainda, a seguir, como Presidente da Sub-Comissão de Relações entre Profissionais (1937/38). Foi também Membro da Comissão de Serviços Profissionais (1937/38), das Sub-Comissões de Orientação Rotária (1938/39), Presidente da Comissão de Serviços Internacionais (1940/41). Em 1941, foi escolhido para o elevado cargo de Presidente do Conselho Diretor, função a que soube imprimir invulgar brilho e eficiência, mercê do seu alto senso de equilíbrio, pelo seu dinamismo e pela sua cultura poliforma.

De 1942 até hoje continua a prestar assinalados serviços à Sociedade, como Presidente do Conselho Anterior (1942/43), e depois no setor de Turismo, como Presidente dessa Sub-Comissão (1945/46), e em seguida, como Membro das Sub-Comissões de Recepção da XVII Conferência (1945/46), da sub-Comissão de Redação de Boletins (1947/48) e, ultimamente, na Comissão de Programas.

No transcurso de sua vida rotária, tem publicado em Boletins e Revistas trabalhos de excepcional valor e proferido palestras que lhe têm granjeado justos aplausos.

Há anos, houve por bem optar pela sua transferência de categoria social, numa atitude que diz bem de seu acrisolado

espírito rotário, ocupando agora a classificação de Veterano-Ativo.

Rotary, efetivamente, na prodigalidade infinita de sua inesgotável atividade prática, duas grandes e poderosas forças o têm impulsionado incessantemente: uma centrípeta e outra centrífuga.

A primeira se exerce, quando atrai para o seu seio elementos de escol, homens de boa vontade, expoentes de suas profissões, que buscam, na admirável Escola que é, de civismo, de altruismo e de bemquerença, aprimorar os seus conhecimentos, fortalecer as suas tendências, revigorar os seus sentimentos altruísticos; a outra, a centrífuga, faz com que tais elementos levem para o ambiente de suas atividades o que aprenderam e sentiram no meio rotário, divulgando-lhe os princípios e dando exemplo com procedimentos que sirvam de paradigma e de estímulo.

De quão operantes se têm evidenciado essas duas forças é modelo vivo o nosso homenageado. Como decorrência do seu proceder no meio social e profissional, foi atraído por esse magnetismo fecundo de Rotary e daí, mercê dessa outra força magnífica, constituiu-se em centro de irradiação e difusão dos sublimes postulados de Paul Harris, em desdobramento de sua peregrinação apostólica do bem-querer ao seu próximo, através da Medicina.

Nesta página de elevado preito afetivo e de profunda admiração, queremos testemunhar o quanto José Pereira Gomes compreendeu e tem feito compreender o anseio de servir de Rotary, que é o de nos servirmos uns aos outros, consoante a concepção originária de seu fundador, inspirada nas edificantes palavras de Cristo: “Amai-vos uns aos outros”.

RECORDANDO VULTOS DA OFTALMOLOGIA PAULISTA

DISCURSO DO DR. JACQUES TUPINAMBÁ (*)

A história da Oftalmologia em S. Paulo ainda está para ser escrita.

Ninguém até hoje, cremos, tomou sôbre os ombros a árdua tarefa de concatenar dados sôbre a personalidade dos que nos antecederam na prática da oculística e no entanto figuras de elevado saber lograram fama em nosso meio como cultores da oftalmologia. Lembrar à geração atual fatos e coisas referentes a êsses vultos do passado é reverenciar a memória daqueles que pela sua cultura, saber e dedicação, alicerçaram o edifício da oftalmologia em sólo paulista.

Não é intuito nosso fazer a biografia completa dos oculistas de S. Paulo, mas tão sómente apresentar algumas referências que conseguimos colher sôbre individualidades cujos nomes honraram e dignificaram a medicina paulista, procurando assim despertar o interesse dos que nos lerem para um mais profundo e acurado estudo da História de nossa Oftalmologia.

Dr. Adolpho Gad:— Médico dinamarquês, possivelmente o primeiro oculista de S. Paulo. Aqui viveu até 1892. Foi o fundador e chefe do 1.º Serviço de Moléstias dos Olhos da Sta. Casa de Misericórdia, em 1885. Em 1884 compareceu ao Congresso de Oftalmologia de Copenhague, onde afirmou nunca ter visto aqui um único caso de tracoma.

De esmerada educação e altas qualidades morais, o Dr. Gad foi especialista de rara competência para a época, gosando de grande perstígio em S. Paulo, como médico e como cidadão.

(*) Chefe da Clínica Oftalmológica de Mulheres, da Sta. Casa de Misericórdia de S. Paulo.

Dr. Ataliba Florence:— Nasceu na cidade de Campinas em 1855, falecendo, nesta capital, aos 82 anos, a 17 de Agosto de 1937. Diplomado na Alemanha, exerceu a especialidade por muitos anos em sua terra natal, demonstrando sempre grande dedicação ao estudo da oculística.

Foi chefe de Clínica na Sta. Casa de 1893 à 1899, sendo o sucessor de Adolpho Gad.

Em 1908, voltou à Europa, fixando-se em Dresden, onde, além da profissão médica, exerceu por nomeação do governo brasileiro, as funções de nosso consul naquela cidade.

Publicou inúmeros trabalhos científicos e outros em revistas nacionais e alemãs.

Em S. Paulo, passou os últimos anos de sua vida demonstrando sempre grande interesse por tudo que se relacionasse com a oculística, chegando mesmo a presidir uma sessão do 1.º Congresso Brasileiro de Oftalmologia, em 1935, por nós secretariada.

Dr. Eusebio de Queiróz Mattoso:— Natural do Estado do Rio de Janeiro, era descendente de Eusebio de Queiróz, brilhante figura do Império, senador e chefe do Partido Conservador.

Deputado em uma das primeiras legislaturas da república, Eusebio não mais voltou à Câmara na eleição seguinte e, mudando-se para S. Paulo, dedicou-se a oculística, revelando-se especialista de grande competência ao lado de Pignatari, Carlos Penna e Pontual que eram os mais afamados da época.

Carater íntegro, espírito forte, talhado para a luta, nunca se deixou abater pela adversidade, vencendo sempre com paciência e perseverança os embates que a vida lhe impôs.

Sua assiduidade ao Hospital e ao serviço particular, a frequência às sociedades de medicina, tornaram-no o especialista mais em evidência de seu tempo, tanto que, quando o governo do Estado entendeu encetar entre nós a luta contra o Tracoma, foi Eusebio nomeado chefe do serviço. Inaugurou êle em S.

Paulo êste trabalho que reais benefícios prestou às nossas populações do interior, instalando postos em quasi todas as cidades, onde se curava os doentes e se ensinava as normas de profilaxia de tão insidiosa enfermidade.

Consta, em placa de bronze, no pavilhão da Clínica Oftalmológica Masculina da Sta. Casa de Misericórdia de S. Paulo que Euzebio de Queiroz Mattoso chefiou êsse Serviço de 1899 à 1923, entretanto, cabe aqui uma corrigenda a que não nos podemos calar, embora venha a ferir a modestia de quem tal nobre gesto praticou. O Dr. Euzebio de Queiróz, na verdade, devido a insidiosa doença, esteve afastado da Clínica desde 1914 e sua direção esteve confiada desde essa época ao Dr. José Pereira Gomes que, no entanto, só foi efetivamente nomeado para o cargo em 12 de Setembro de 1920.

Não obstante êste fato, teve o Dr. Pereira Gomes, em homenagem e sinal de gratidão ao seu ilustre mestre e guia, a dignificante atitude de fazer gravar em bronze as datas 1899 como início de suas atividades na Sta. Casa e 1923, data de seu falecimento, pois timbrava em considerá-lo chefe enquanto vivesse.

Dr. Pires Pontual de Petrolina:— Nascido em Pernambuco, de família fidalga e tradicional, era filho do Barão de Petrolina. Vindo para S. Paulo, pelos seus dotes de inteligência e conhecimento da especialidade conquistou logo o meio médico paulista, grangeando enorme clientela e grande prestígio como oculista.

De fidalgas maneiras, esmerada educação e fino trato, tornou-se também figura de projeção na alta sociedade paulistana.

Foi o primeiro chefe da Clínica Oftalmológica de Mulheres da Sta. Casa de Misericórdia cuja criação, pelo que conseguimos apurar, parece que data entre 1902 e 1905.

Embora estudioso e devotado à oftalmologia o Dr. Pedro Pontual não deixou trabalho algum publicado.

Dr. Arthur Moraes Jambeiro Costa:— Natural do Estado da Bahia, formou-se pela Faculdade de Medicina de seu estado natal, em 1888. Vindo para S. Paulo foi exercer a clínica em Campinas de onde transferiu-se para esta Capital, grangeando fama e grande notoriedade. Sobre êle escreve Rubião Moreira em seu livro “Médicos de Outrora”: “Fui de seus amigos e foram amigos seus todos os que com êle tratavam, embora uma única vez. Uma verdadeira dama, pela sua fina educação. Tinha a arte de captar amizades, tão simpático, tão maneiroso, tão delicado era. Nunca ouvi de seus lábios uma palavra que não pudesse ser ouvida por quem quer que fôsse, nem percebi um gesto abrupto que indicasse irritação de gênio. Ao contrário, amabilíssimo, fino, “gentleman”, na expressão genuína da palavra.

“Abastado, fazia a clínica com facilidade e teve ótima clientela que sabia prender com as suas maneiras aliadas a conhecimento seguro da especialidade. Conheci-o quando médico da Sta. Casa, onde comparecia diàriamente, sempre muito correto, esbelto e muito distinto. Fisionomia agradável, conversava bem. Jamais falava mal de alguém e quando se referiam a Jambeiro eram só elogios que se ouviam. Benquisto. Tinha largo círculo de amizades e figurava sempre em todas as festas beneficentes de S. Paulo. Caritativo.

“Bela figura era essa que ornava a classe médica de S. Paulo que guarda seu nome com recordação do homem de ciência vestido de cavalheiro medieval”

Dr. Carlos Penna: — Assistente de oftalmologia em Insbruck, aqui conquistou enorme prestígio clínico e ao lado de Pignatari absorvia toda clínica especializada da época. Suas opiniões mereceram sempre o acatamento dos colegas gosando mesmo de prestígio na classe.

Conheceu o luxo e o fausto, porém, aos poucos foi declinando em vida e se apagando a pouco e pouco na obscuridade. Esquecido de todos, mesmo daqueles a quem tanto bem fizera, morreu na pobreza, vitimado por uma paralisia da laringe.

Dr. Pignatari:— Não conseguimos obter dados sôbre a sua personalidade, mas, foi uma das mais marcantes figuras da oftalmologia paulista em seu tempo.

Prof. Dr. João Paulo da Cruz Britto:— Nasceu na cidade de Caxias, no Estado do Maranhão, em Março de 1880.

Aos 14 anos foi enviado por seu pai à Suíça Alemã, afim de continuar o curso de humanidades no internato do Instituto Minerva, na cidade de Zug, capital do cantão do mesmo nome, onde permaneceu durante 2 anos, transferindo-se depois para a Alemanha. Em 1898, passou-se para a Inglaterra, candidatando-se às provas de Classe “Senior” da Universidade de Oxford, cujo diploma obteve em fins de 1899.

Regressando ao Brasil, ingressou, em 1901, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, por onde se diplomou.

Desde estudante interessou-se pela oculística, frequentando as aulas e a Clínica do Prof. Abreu Fialho que por esta ocasião iniciava a sua brilhante carreira no magistério.

Sua tese de doutorando versou sôbre “Injeções Sub-conjuntivales”, sendo aprovada com distinção.

Em 1910, partiu novamente para a Europa, onde, na Universidade de Vienna, durante 2 anos, teve como seu grande mestre Ernst Fuchs; frequentou também os cursos especializados de Meller, Salzmann, Lindner, Dimmer e outros expoentes da oftalmologia. Frequentou ainda o curso do Prof. Adams, em Berlim e depois, em Londres, o Moorfields Eye Hospital.

Em Janeiro de 1913 instalava J. Britto seu consultório em S. Paulo, começando também a frequentar, com assiduidade, a Enfermaria de Sta. Luzia da Sta. Casa de Misericórdia.

Pelo trabalho perseverante, inteireza de carater e conhecimentos profundos da especialidade, auferidos em consciencioso e metuculoso estudo, J. Britto se impôs no meio médico pau-

lista e de tal forma que Arnaldo Vieira de Carvalho, em 1916, o convidou para reger a cátedra de oftalmologia de nossa Faculdade de Medicina que acabava de ser organizada.

Bem acertada foi a escolha, pois dedicou-se de corpo e alma ao magistério que soube honrar e dignificar como ninguém, tal o brilho e elevado espírito científico que sempre norteou os ensinamentos que ministrava.

Sem arroubos de oratória ou devaneios de retórica, mas com a segurança de seu saber e o didatismo de suas preleções, expunha com meridiana clareza os mais difíceis e complexos problemas da especialidade, de modo a dar sôbre o assunto noção exata e precisa, a bem orientar o estudante em sua vida prática.

Sócio de várias agremiações científicas nacionais, fundador e Primeiro Presidente da Sociedade de Oftalmologia de S. Paulo, membro da Sociedade Francesa de Oftalmologia e do American College of Surgeons, recebeu em 1928 o diploma, sobremodo honroso, de Sócio Honorário da Sociedade de Oftalmologia de Vienna.

Em 8 de Novembro de 1947, inesperadamente, falecia o Prof. Dr. João Paulo da Cruz Britto.

Numa homenagem toda especial, queremos encerrar êste trabalho citando tão sómente o nome de todos os colegas e queridos amigos de nossa geração de oculistas que, após anos de trabalho e dedicação à especialidade, deixaram em nossa lembrança bem viva a chama de seu saber e o brilho de seu talento, com a promessa de um dia completarmos estas despretenciosas notas, trazendo à lume as individualidades marcantes de Aristides Rabello, Manoel de Toledo Passos, José Celeste, Manoel A. Silva, Aureliano Fonseca, Arthur de Sousa Martins e Valentim Del Nero.